

Passeios à beira-mar terminam em arte

DESTAQUE



Hagen e Barbara Seuffert inauguraram, no passado dia 1, a exposição "Despojos do Mar" na sala de exposições da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro. Patente até dia 2 de Setembro, esta exposição esteve já patente na Lagoa (Algarve) durante o mês de Junho. Conta Hagen Seuffert, natural da Alemanha mas a residir na Carregosa, que a ideia para fazer esta exposição surgiu na Alemanha Norte, junto ao Mar Báltico. «Vimos numa loja trabalhos idênticos com

garantindo que os despojos utilizados nos seus trabalhos são encontrados na Praia do Areão, no concelho de Vagos. E é possível encontrar um pouco de tudo nas telas: cabos de todos os formatos e cores, plásticos, penas, conchas, pedras, paus, restos de materiais dos pescadores, tampinhas, entre muitos outros. O Atlântico «é dinâmico e forte» e «traz-nos uma grande variedade de despojos que nós apanhamos durante os nossos passeios à beira-mar», afirma, estupefacto pelas várias cores encontradas e, em cada uma delas, as várias tonalidades. «Se calhar os pescadores têm cuidado com a estética», ri-se.

Obras de arte e livros para esquecer cancro

A vinda para Portugal deste casal deu-se durante a década de 80, quando Barbara Seuffert, depois de se ter livrado de um cancro de peito, teve outro. No total, foram três os cânceros que conseguiu ultrapassar, depois de, em meados dos anos 80, os médicos darem apenas seis meses de vida. «Tínhamos vindo a Portugal em 1984, visitar uma amiga nossa que escolheu a Praia da Vagueira para passar os últimos dias de vida. Durante os tratamentos, um ano depois, a minha mulher disse que o sonho dela era voltar a Portugal e poder cantar numa catedral acompanhada pelo coro da Igreja onde eu era pastor luterano», contou. Queria cantar "A Paixão segundo São Mateus", de Bach, uma ópera de três horas com duas orquestras e quatro solistas. «Era o meu último desejo e tentámos realizá-lo, apesar de ser muito difícil naquele tempo, ainda mais sendo Portugal tão pobre». No entanto, o concerto teve lugar na Igreja da Lapa, no Porto, e noutros locais do país, sempre com lotação esgotada. Nessa viagem, aproveitaram para visitar novamente a sua amiga a residir no concelho de Vagos que lhes mostrou uma casa na Carregosa, na freguesia de Ouca. «Era uma casa simples e pobre, abandonada, de antigos lavradores, e a minha mulher teve uma sensação de "déjà vu": nunca tinha visto a casa, mas conhecia todas as divisões interiores. Era tal e qual à casa do seu avô, onde viveu vários tempos na sua infância, quando era obrigada a refugiar-se da guerra». Quiseram adquirir logo a casa, mas tal só veio a acontecer em 1988, porque as pessoas «tinham a ideia de que, como éramos estrangeiros, tínhamos que comprar ou construir uma casa de luxo e apenas em Vagos ou Vagueira; até nos tiraram os móveis do interior para ver se desistíamos da casa». Conseguiram-na adquirir depois de Barbara ter falado com as pessoas «que eram muito simpáticas» e contou que se não conseguisse comprar a casa que morria.

Último livro relata experiência de vida

Olhando agora para o passado, Hagen ri-se e diz que «foi uma aventura» esta aquisição, porque vivia e trabalhava a 2500 quilómetros de distância. Com a sua reforma, em 1998, passaram a viver a maior parte do ano na Carregosa, porque o clima, a luz e a própria alimentação são «muito bons» para a saúde da minha mulher. «Julgamos que foi a vinda para cá que melhorou a saúde da minha mulher que, inexplicavelmente, ficou sem cânceros», diz emocionado, não conseguindo explicar o porquê da escolha desta localidade em detrimento de tantos e tantos países que visitaram, com os quatro filhos (dois biológicos e dois gémeos adoptados), pela Europa fora.

Agora, a esposa passa os tempos livres a escrever e a produzir obras de arte. Todos os dias escreve e por vezes publica na internet. Com cerca de 30 livros (em língua alemã ou portuguesa) no seu currículo, o mais recente é "Sem coragem pr'a sonhar, não há força para lutar". É nele que Barbara Seuffert partilha a sua experiência de vida e incentiva as pessoas a lutar pelos seus sonhos, tal como ela lutou. A apresentação oficial deve-se realizar no Outono, também no concelho de Vagos. Mais informações e histórias partilhadas podem ser consultadas em www.luazul.com.

Apreciação do livro "Sem Coragem para Sonhar não há Força para Lutar" de Barbara Seuffert* Arregaçar as Mangas para Sonhar

Por Maria Alice Sarabando

* escrito de acordo com o novo acordo ortográfico

PRIMEIRA PÁGINA



autarquia aveiro candidato
candidatura concelho euros
freguesia junta lista martins
movimento municipal mário
nossa obras ponto
presidente social

vagos vaguense

VISITANTES

Temos 7 visitantes em linha

 Hoje	236
 Ontem	316
 Esta semana	236
 Este mês	3163
 Sempre	130611

INQUÉRITO

Que temas gostava de ver mais desenvolvidos no seu Jornal O PONTO

- A sua terra
- Cultura
- Desporto
- Economia
- Opinião
- Política
- Saúde
- Sociedade

[VOTAR](#) [RESULTADOS](#)

PUB

ALTERNATIVECAR
OFICINA MULTIMARCA E LOJA AUTO

Tel. 234 791 921

EN 109, n° 52 Trás
Quintã - VAGOS

Marcauto
Comércio de Automóveis
Novos e Usados

234 783 809
966 939 588

EN 109 - Cabedinhos
CALVÃO

ESPECIAIS E SUPLEMENTOS



Foi-me pedida uma recensão e parti para a leitura do livro numa disposição neutra. A autora, sei quem é (uma senhora alemã que vive na Carregosa), mas não conheço a sua escrita. Lembro-me de ter estado presente no lançamento de um livro seu em Vagos, nada mais.

O primeiro contacto é visual. O colorido cativa o olhar. Imagem constituída por tampinhas plásticas, dispostas aparentemente ao acaso, sugere a ideia de reciclagem, provavelmente em sentido figurado. A textura macia suscita uma adesão táctil prenunciadora de um apego afectivo ao conteúdo. A editora é-me totalmente desconhecida. O título não concita o meu agrado, por ser muito extenso e claramente sentencioso. Passo-o, contudo por um crivo lógico, ainda que ralo, a ver se a opinião/certeza/verdade se aguenta. Desde logo, a palavra sonhar enfraquece a interpretação quanto a um conteúdo e militância ecológica; coragem e força, com um segmento semântico comum, poderiam trocar de lugar na asserção? O sentido alterar-se-ia por esse facto? Talvez não. A coragem (ou força do coração) remete para o não visível, para o desejo, a fantasia e o imaterial que a palavra sonho, no senso comum, implica. A força, sim, é algo de físico, exigência concreta de qualquer luta. Aceito, portanto, o título, e passo à leitura.

As primeiras páginas explicam-me a escolha do título e inserem-me (e a qualquer leitor, presumo) no universo bem conhecido dos múltiplos que-fazeres quotidianos e dos bloqueios educacionais, ladrões do tempo necessário ao precioso sonhar.

Confesso que me apeteceu suspender a leitura quando me apercebi de que o tema era o frente-a-frente de uma pessoa com o cancro. Não sou insensível aos dramas individuais face a uma doença grave. Se “fujo” de livros com essa temática não é por insensibilidade, mas por duas razões bem definidas. Primeiramente, causam-me desconforto, constrangimento, uma espécie de pudor. “[Olhar] o sofrimento dos outros” (1) sega-me a um voyeurismo com o seu quê de obsceno, equiparável a espreitar a intimidade de alguém. Em segundo lugar, quase sempre esses relatos são escritos num registo emocional, muito subjetivo, por vezes impenetrável.

Mas depressa a leitura me prendeu com a sua linguagem fluente, imagens/símbolos interessantes, adjetivações por vezes inesperadas.

Para o medo, o isolamento e a tristeza, temos “uma cela escura”, “estar embrulhada em algodão” (tal lagarta em seu casulo), “mumificação”, por exemplo.

O desejo de viver aparece-nos corporizado nuns “sapatos bem-dispostos” de cor vermelha.

Quanto à força para lutar, que afinal não é de todo física, ela alimenta-se da “magia das coisas quotidianas” como uma cafeteira de esmalte branco no meio da merenda em aberto campo da infância. Alimenta-se também da ousadia de desejar realizações por vezes inconfessáveis e de perspetivar pô-las em prática: “deixar a alma balouçar” numa rede azul (metáfora para tomar tempo para si próprio), dançar a dança do ventre, conduzir um camião pesado, seduzir o marido em plena natureza, tocar piano, fabricar fantoches, deslocar um coro de mais de cem pessoas da Alemanha a Portugal para cantar “A Paixão segundo São Mateus” na Batalha, em Alcobaça ou na Sé do Porto.

Perpassa neste relato o conforto proporcionado pela religião, o que pode ser mais um motivo de interesse para quem partilhe ou professe uma fé.

Por tudo, trata-se de um testemunho que desperta simpatia. Atrevo-me a contrariar uma afirmação inicial do livro: “Uma mulher laboriosa não sonha, arregaça as mangas.” Pois bem, esta mulher arregaçou as mangas para sonhar.

(1) Olhando o Sofrimento dos Outros é o título de um livro de Susan Sontag que reflete sobre o direito de fazer fotografias em cenários de guerra.



Jornal O Ponto auf Facebook
Gefällt mir

Jornal O Ponto



VII Gala Vaga D'Ouro/ Crédito Agrícola 2011

Von: **Jornal O Ponto**
Fotos: 137

25. März um 02:48

Jornal O Ponto

Taça Federação Liga Feminina

1ºjogo
ADVagos 64-52 Boa Viagem



Pinnwand-Fotos

88 Personen gefällt **Jornal O Ponto**.



Guedes



Hugo



Claude



Diogo



Clube



Sérgio Manu



Fernando



Pedro



Edmundo



Deolinda



Joana



Ana